

ENTREVISTA

Luciana Gatti, pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)

'Na Amazônia, a realidade é pior do que disse o IPCC'

Trabalho de 9 anos de cientista do Inpe mostra que partes da floresta já emitem mais carbono do que absorvem

Emílio Sant'Anna

As últimas semanas trouxeram notícias nada animadoras sobre as mudanças climáticas. No início deste mês, o relatório do IPCC, o painel climático da ONU, apontou que o planeta ficará 1,5°C mais quente até 2040 – uma década antes do previsto. Menos de um mês antes, um estudo publicado na revista *Nature* mostrou que algumas áreas da Floresta Amazônica já emitem mais dióxido de carbono do que absorvem. A pesquisa foi liderada por Luciana Gatti, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia, e não foi parte das análises do relatório do IPCC por ter ficado pronta pouco tempo antes.

Foram nove anos dedicados a esse estudo – com uma depressão, como consequência, para sua autora. "A Amazônia é como um ser gigantesco, de uma divindade enorme. Imaginava que aquela grandeza toda fosse capaz de achar uma saída para o dano que estamos fazendo nela. Quando eu vi que não, isso me baqueou", diz Luciana nesta entrevista ao Estadão.

● Como você avalia os resultados do IPCC em relação a seu trabalho? Ele não fez parte do relatório?

O início do trabalho está lá. É uma série de nove anos, e a primeira parte, 2010 e 2011, está lá. Naquele momento não dava para concluir nada porque um ano foi completamente diferente do outro. Em 2010 foi um ano de El Niño, muito quente, muito seco, com muita queimada e a emissão de carbono foi enorme. A gente esperava, como todo mundo, que a Amazônia fosse um sumidouro de carbono. Naquela época achamos que 2011 não foi porque estava se curando do 2010 dramático. Aí veio o resultado de 2012, 2013 também. E 2014, mais ainda. Em 2017 eu apresentei pela primeira vez esse trabalho. Na época eu estava deprimida por ver que a Amazônia é realmente uma fonte de carbono e isso foi muito pesado para mim, passei um tempo deprimida.

● Deprimida clinicamente?

Sim. Ver que a Amazônia está emitindo mais do que absorvendo é notícia terrível. Ela está em mudança e uma mudança séria. Isso foi em 2016.

● Como isso a surpreendeu?

Em 2014, meu primeiro movimento foi questionar o nosso método. Comecei a pensar que havia algo errado. Investi anos em melhorar isso. Desenvolvi

sete métodos diferentes. O que usamos, o sétimo, é super-s sofisticado, validado. Foram dois anos de trabalho até publicarmos esse método. É muita responsabilidade você dizer ao mundo que a Amazônia está emitindo mais carbono do que absorvendo. Eu não me sentiria confortável em dizer se não tivesse 100% de certeza.

● A que você atribui essa reação tão forte?

Tenho uma relação muito forte com a natureza. A Amazônia é como um ser gigantesco, uma divindade enorme. Imaginava que aquela grandeza toda fosse capaz de achar uma saída para o dano que lhe estamos fazendo. Quando vi que não, isso me baqueou. Do ponto de vista científico, a Amazônia, hoje se acredita, está compensando uma quantidade muito grande do quanto a humanidade está emitindo de CO₂ na atmosfera. Então, não só não tê-la ajudando como vê-la contribuindo (para emitir mais CO₂)... significa que a realidade é pior do que o que o IPCC disse. Cerca de 86% das emissões mundiais vêm da queima de combustíveis fósseis e 14% das mudanças do uso da terra e floresta. Se imagina que a Amazônia está contribuindo com 20% de toda a remoção que é feita na parte continental. Só que não... Quando digo que a Amazônia está emitindo mais do que absorvendo, não falo só da floresta,



Queimada na BR-319. 'Ver que ela está emitindo mais do que absorve é uma notícia terrível'

ta, mas de tudo o que está acontecendo lá. Quem está emitindo são desmatamento e queimadas. As emissões dessas duas são três vezes maiores que a absorção que a floresta está fazendo. A Amazônia ainda remove carbono da atmosfera, mas muito menos do que se acreditava.

● O que isso significa?

A média, em nove anos, foi de 130 milhões de toneladas de carbono. Mas desmatamento e queimadas emitem cerca de três vezes esse valor, 410 toneladas. A Amazônia está jogando na atmosfera 290 milhões de toneladas de carbono por ano. Quando eu falo carbono é só carbono, não CO₂. No balanço (entre emissões e absorção de CO₂), o total é de 1,06 bilhão de toneladas de dióxido de carbono lançados por ano. Das emissões (totais), 1,51 bilhão vem de queimadas. A floresta consegue remover 30% desse valor. Essa é a Amazônia total. A parte brasileira, sozinha, é bem pior.

● Quais são as regiões mais afetadas por esse problema?

Uma coisa que nos intrigava é: por que temos áreas com resultados tão diferentes? Nesses nove anos calculamos mês a mês e as correlações só eram fortes para emissões de queimadas. Queríamos entender por que certas regiões funcionavam de forma tão diferente das outras. Aí resolvemos estudar 40 anos de temperatura e precipitações por mês. E também estudei as áreas desmatadas. Aí consegui ver que na média anual as coisas não estão mudando tanto, mas quando você vê determinadas épocas do ano... o impacto é gigante.

● Pode dar exemplos?

Descobri que as áreas mais desmatadas haviam sofrido maior mudança na precipitação e na temperatura, principalmente a estação seca (agosto, setembro e outubro). Aí você pega Santarém com 37% de desmatamento, até na média anual essa região perdeu 9% de chuva. Só que em agosto, setembro e outubro perdeu 24% de chuva. Um terço de chuva a menos ao longo de 40 anos. E

aumentou 1,9°C a temperatura. Isso é a região nordeste da Amazônia. Quando vai para a região sudeste da floresta, com 28% de desmatamento, perdeu 24% de chuva nesses meses de agosto, setembro e outubro. Só que o aumento de temperatura foi maior ainda: 2,5°C. E se olhar só agosto e setembro: 3,1°C de aumento em 40 anos. Agora imagina uma árvore típica de uma floresta tropical úmida, uma árvore com abundância de água e temperaturas amenas.

● Que providência poderia ser tomada nessa situação?

Se a gente conseguir proibir queimada e desmatamento no ano que vem, a Amazônia vai remover mais carbono do que emitir. Então, já vai conseguir se recuperar um pouco. Se ainda fizer projetos de reflorestamento ainda mais. Veja que esse processo está acontecendo na parte leste da Amazônia que tem área, em média, 30% desmatada. O que nosso estudo está mostrando? Que com 30% desmatado a Amazônia é mais fonte do que sumidouro.

SANEIRO PEREIRA/FOTOGRENA - 18/6/2021